

**META-FOUCAULT S.A.: Sair pelo Limiar 5 (a sistematização acontecimental) / META-FOUCAULT INC.: Leaving through Threshold 5 (systematizing the event)**

*Norman R. Madarasz\**

**RESUMO**

Comemora-se por justa causa neste ano de 2024 os quarenta anos do falecimento de um catalisador da filosofia contemporânea, Michel Foucault. Celebrado internacionalmente, sua obra despertou uma multiplicidade de projetos e de grupos de pesquisa atuantes no âmbito das ciências sócias, humanas e literárias. Sua filosofia, embora ambígua no pé da letra, não exige dos seus leitores que se identificam com o rigor lógico e epistemológico de um sistema filosófico, sequer com a filosofia enquanto tal. Criou-se, em consequência, nada menos que um modo de produção e circulação cultural que denominaremos Meta-Foucault S.A. Neste artigo, situaremos Meta-Foucault S.A. a partir da sua gênese e estrutura no âmbito da filosofia francesa contemporânea. Por meio das suas atividades, mostraremos como o modo pelo qual as inovações mais radicais a surgir no conhecimento social decorrem de uma indústria produtiva de problematizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** filosofia francesa contemporânea; quinto limiar; acontecimento; Meta-Foucault S.A.; obstáculos epistemológicos.

**ABSTRACT**

*Commemorating the fortieth anniversary of the death of Michel Foucault has been rightly due given how his work has been a catalyst of contemporary philosophy. Widely acclaimed internationally, his work has sparked a multitude of projects and research groups active in the fields of social sciences, humanities, and literature. His philosophy, though ambiguous in the most literal of senses, does not require its readers to identify with the logical and epistemological rigor of a philosophical system, let alone with philosophy per se. As a result, there has emerged nothing less than a mode of cultural production and circulation that we call Meta-Foucault Inc. In this article, we situate the*

---

\* Professor da Pontifícia católica universidade do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). [Norman.madarasz@pucrs.br](mailto:Norman.madarasz@pucrs.br).

*genesis and structure of Meta-Foucault Inc. within the realm of contemporary French philosophy. Through its activities, we show how the most radical innovations in social knowledge arise from an industry productive of problematizations.*

**KEYWORDS:** *contemporary French philosophy; Fifth Threshold; event; Meta-Foucault Inc.; epistemological obstacles.*

## **Introdução**

Desde que se tornou contemporânea, a filosofia francesa dita contemporânea nunca cessou de se renovar e se transformar -- ao passo que é permitido se perguntar se ainda cabe afixar a qualificativa de “contemporânea” a esta orientação filosófica. A pergunta pode ser estendida a uma provocação: será que se faz necessário salientar, quando nos encontramos para colóquios e demais congressos em homenagem à obra de Michel Foucault, que a filosofia sendo discutida é, no fundo, a filosofia *tout court* e não apenas a francesa? Para quem será que a filosofia é francesa? Apenas para quem não é francês, ou quem não se prestou a considerar que era francesa por tradição e delimitação? No mais, o que uma designação ideológica de uma nacionalidade teria a ver com a produção filosófica universalmente singular? Francesa poderia bem remeter à língua e ao título de cidadania, ao configurar uma tradição filosófica que se ergue num solo movente. Ao menos, o deveria, pois para quem a aborda pela sua configuração transnacional, o filtro primeiro a ressaltar remete à recepção da obra, cuja tradução se realiza por tantas elipses de tradução.

### **1. O valor da delimitação**

Na abrangência do Império neocolonial francês, composto por mais de vinte países, além de múltiplos “domínios territoriais”, é evidente que não se pratica, nem se cria, tampouco se argumenta no modo da “filosofia francesa contemporânea”, mas *da filosofia*. Contudo, no apagar da década de 1990, o termo virou uma maneira de denominar a prática filosófica na França. Estilhada entre as peças despedaçadas do termo mal colocado desde seu início de “pós-estruturalismo”, a subsistência de uma metodologia compartilhada deixava com pouca dúvida que ainda se tratava de estruturalismo. Mesmo que aplicada por uma geração de autores, faltava a convencê-los em primeiro lugar que ela ainda se apresentava uma série de indicações assinalada por um signo, se não fosse por um significante. A filosofia já perdeu muito da sua força pelo

apagamento deste signo estruturalista. Em seu lugar, evocara-se a “ontologia”, o “acontecimento”, ou ainda a “diferença”, como foco e nexo metodológico. Entretanto, o que precisava constatar é que além do nome, crescia em densidade conceitual e de teorização uma topologia dinâmica. Seu modus operandi se aprecia mal se for experimentado sem os recursos da análise estrutural.

Na virada do século, então, o termo “filosofia francesa contemporânea” foi se candidatando para tal tarefa referencial. Concretizou-se em decorrência da criação de um Instituto, hoje parado, o “*Centre International d'études en philosophie française contemporaine*” (CIEPFC ou Centro Internacional de Estudos em Filosofia francesa contemporânea), vinculado à École normal supérieure de Paris. Neste centro, somava-se um conjunto de autores, de modos de produções, de estratégias metodológicas e de resultados inferenciais, num arcabouço de atividade filosófica ainda separada do referencial nacional. Esta filosofia vem depois do pós-estruturalismo e da hermenêutica, depois do estruturalismo e da epistemologia histórica. Seus manifestos e cartas programáticas reivindicam uma soberana perante as predações mais dogmáticas do positivismo analítico anglo-americano e as mais veladas da teoria crítica germânica.

Um dos relatórios mais completos publicados sobre os resultados produzidos foi redigido por seu então diretor, Alain Badiou. Apresentado em uma conferência em Buenos Aires em 1 de junho de 2004 como “Panorama de la philosophie française contemporaine” e publicado formalmente em inglês em 2005 como “The Adventure of French Philosophy” no *New Left Review*, o texto concentra por meio de critérios o que denota este significante. Na sua primeira forma, poucos anos o separava da republicação, em 1984, de um artigo de Foucault que seria seu último. O texto “La vie: l'expérience et la science” foi incluído na primeira edição do volume quatro de *Dits et écrits*.

No texto de Foucault, reconhece-se o alicerce compartilhado futuramente com Badiou, pelo qual se faz possível definir a filosofia francesa do século vinte em dois eixos principais, o de “uma filosofia da experiência, do sentido e do sujeito, e uma filosofia do saber, da racionalidade e o do conceito (FOUCAULT, 2001c, p. 1583)”. Os objetivos desta divisão são postados por Foucault no desafio de classificar a filosofia de Georges Canguilhem. Decerto, a versão inicial deste texto, a qual foram realizadas poucas mudanças, voltam a 1978, ocasião da introdução à tradução inglesa de *Le Normal et le pathologique*. Foucault constatava então que a filosofia de Canguilhem rompia com a panorama filosófica ao lhe “opor uma filosofia do erro, do conceito e do vivo” (FOUCAULT, 2001c, p. 1595).

Seja como for, desde Canguilhem quem mais deu vazão à experiência e à vida, é sem dúvida Gilles Deleuze. Paralelamente, quem mais contribuiu ao conceito são os filósofos do antigo grupo de pesquisa do Cercle d'épistémologie d'Ulm, cuja revista, *Les Cahiers de l'analyse*, portava as palavras de Canguilhem. Por mais que a posterioridade deseja classificar a obra de Foucault como tendo mais a ver com a experiência que o conceito e a ordem, a evidência do registro textual aponta ao contrário, não obstante os absurdos que pronunciara para a mídia e cuja vacuidade seus admiradores só podem errar ao repetir.

Ora, a partir do momento em que se constata que os dois eixos são enlaces de um processo dialético, possibilita-se apreciar a tese de Badiou no seu próprio recorte. Segundo ele, a filosofia francesa contemporânea não apenas denomina finalmente a época e a metodologia singular a suas obras, mas tal época constitui um de apenas dois “momentos” históricos de altíssima produção filosófica *tout court*. Poucos contestam que houve um momento grego da filosofia na Antiguidade. O outro momento se ratificou na constelação territorial germânica do fim do século XVIII, com suas extrações territoriais em Marx e Nietzsche. No que tange à filosofia francesa contemporânea, ela surgiria a partir de um processo dialético de “combate conceitual” e de “devir” acerca da noção de sujeito. Centro em deslocamento período, o sujeito se teoriza por vias irreduzíveis entre perspectivas sobre o corpo ou a partir da ideia da vida, e sobre o conceito (BADIOU, 2012, p. 11).

Forçoso é constatar que, apesar da semelhança no propósito dos dois textos, eles diferem tanto em seu destino quanto em objetivo. O levantamento de Foucault, que não sofre mudanças entre 1978 e 1984, visa a situar a obra de Georges Canguilhem e destaca a originalidade das contribuições acerca dos conceitos de norma, do erro e do vivente. Quanto à apresentação de Badiou, consolida-se um modelo capaz de circundar a produção filosófica francesa acerca de uma tensão externa que perpetua seu conflito interno ao cavar um novo espaço de pensamento. De acordo com ele,

Temos, portanto, no início do século o que chamarei uma figura dividida e dialética da filosofia francesa. Por um lado, uma filosofia da vida; por autor, uma filosofia do conceito. Este problema, vida e/ou conceito, será o problema central da filosofia francesa (BADIOU, 2012, p. 11).

Em seguida, Badiou alistará uma tipologia criteriosa da filosofia francesa que ultrapassa os objetivos de Foucault ao mesmo tempo que o inclui de maneira implícita.

O modelo também servia de programa para o CIEPFC. De acordo com os critérios expostos por Badiou, na extensão da filosofia francesa, destaca-se a abrangência de quatro operações adaptadas aos contextos analíticos contemporâneos: (i) uma *operação francesa* sobre os filósofos alemães pela qual se modificou a relação entre conceito e existência; (ii) uma *relação operacional* da filosofia com a ciência. Poder-se-ia citar o estruturalismo aplicado aos estudos dos mundos possíveis, ou a arqueologia da biologia conduzida por Foucault; (iii) uma *operação política*: modificar a relação entre conceito e ação, em formas imprevistas de organização ao redor do planeta e principalmente nas práticas teóricas fundacionais de movimentos de emancipação contra o colonialismo europeu de povoamento (*white settler colonialism*) e do neocolonialismo financeiro na África; e, por fim, (iv) uma *operação para modernizar a filosofia* (pela interlocução com as artes de vanguarda internacionais, por exemplo, ou pelas inovações científicas de ponta), para se dirigir a um salto além do presente.

Na base destas quatro operações, apresenta-se ainda seis pontos percorridos do “programme de la philosophie française contemporaine”, (ainda de acordo com, Badiou, 2003). Dentre eles, o ponto quinto chama nossa atenção: “reassumir a questão do sujeito.” Enquanto isso, ainda nos parâmetros que delimitam este “momento” da filosofia, a figura da filósofa e do filósofo rompe com a postura do sábio para assumir a de aventureiros do conceito. Notam que a “história”, tal como Foucault acabou usando-a de maneira não-teorizada nas suas últimas explorações em uma tentativa de ultrapassar Canguilhem, assim que for examinado como decisão decorrendo dos critérios da ciência, faz com que o componente metodológico transversal a estas reflexões continua sendo o da epistemologia histórica.

## 2. Meta-Foucault S.A., uma empresa de agora e de amanhã

Por meio desta contextualização histórica e do seu alicerce estruturalista, evidencia-se como Foucault era antes de tudo um epistemólogo e, portanto, filósofo. Sendo assim, salientamos quão consistente é a sua pesquisa, ao longo da sua vida, em vista de uma figura de sujeito adequada a mapear a configuração após o humanismo. Ora, sujeito, como lembra Badiou, não se pensa fora de uma condição, nem a configuração reiterada. No caso da condição econômica-política, destaque-se a figura subjetiva pela forma de uma *organização*. Neste contexto, o qual se estica entre manter ou não o qualificativo nacional-lingüístico do francês, prosseguirei a chamar de *Meta-Foucault*, a

empresa modular e nodular, a organização sócio-corporativa anônima, de meios industriais e informacionais de produção de conteúdo acadêmico, sociopolítico e científico concernente a nossa pesquisa. De capital aberto por sua circulação, mas fechado às manobras de desvio do fluxo do capital, o modo pelo qual seus lucros expressivos se transpõem se realiza por meio de uma distribuição compartilhada de propriedade coletiva. O modelo empresarial que nos interpela ultrapassa a forma fraca de hierarquização autoritária comum, pela qual grande parte dos funcionários ativos hoje em economias do G7 se encontram alienados do processo de trabalho. Para configurar esta comunidade de trabalhadores dinamizadas pela pesquisa, o ensino e a extensão, projetamos uma verdadeira economia constituída por dois setores, tal como estabelecido por Marx no capítulo 21 e 22 do volume dois de *O Capital* (MARX, 2017; HARRIS, 1972; MOSSELEY, 1998; REZNIK AND WOLFF, 2012). Nem exatamente empresa, tampouco o aparelho industrial e monetário nacional, o que se encontra se liga em uma comunidade reticular de trabalhadores-pesquisadores produtora de um valor intelectual. Este valor cresce se e somente se for reinvestido no mesmo circuito interno de produção e de consumo produtivo.

Os esquemas de reprodução discutidos por Marx representam um dos pontos culminantes da sua crítica da economia política liberal, cuja base desde Adam Smith se formulou enquanto teoria do valor extraído do trabalho (*labour theory of value*). De fato, o modelo de reprodução simples e ampla não foi publicado durante a vida de Marx, sendo que a primeira vez que apresentou o modelo para Engels se encontra em uma carta escrita em 6 de julho de 1863. A plena articulação do modelo é multidimensional. Os manuscritos apontam para um aperfeiçoamento apenas na década de 1870. Demonstram com firmeza como Marx estima a operação racional e previsível do nexo produtivo e de consumo do capital. Sua captura pelo capital portador de juros alicerça na recusa da irracionalidade financeira suas posições permanentemente críticas à privatização do processo de produção e da propriedade privada burguesa enquanto tal. Ora, a chave conceitual que propicia a dinâmica produtiva do capital depende de um modo de análise determinado a resistir à quantificação do valor, produzido por meio da mercadoria, em unidades monetárias fixadas na forma de preços. Pois, Marx mostra que a chave do crescimento de valor em uma economia produtiva depende do processo de circulação do mais-valor a partir de um nível do produto social global, denominado departamento 1 que se investe automaticamente em parcelas proporcionais em novos meios de produção agora fazendo parte de um novo nível, departamento 2, necessário para manter os do

departamento 1. Outra parcela do produto social total resultante do departamento 1 se dirige ao capital variável, distribuído de tal forma que o excedente se junta no segundo nível a proporcionar não apenas ao capitalista, mas também ao trabalhador, a opção de comprar ou economizar. Para distribuir o valor gasto pelos trabalhadores, a circulação do capital cria por si divergências estruturais, cujo nome formal, dado por Marx, é "tesouros". Se no livro primeiro de *O Capital*, o "entesouramento" já apontava à captura do processo de valorização por entidades cujo objetivo era retirar o valor do seu circuito estrutural, no livro 2 de *O Capital*, como na *Crítica ao Programa de Gotha*, tais tesouros representam as bases potencialmente construtivas de uma economia socialista. Enquanto fundos, eles podem ser usados ao bom proveito de investimentos sociais, coletivos e igualitários se foram protegidos da condução predatória dos capitalistas armados de juros. Implica-se também o estabelecimento monetário em circuito fechado, desconexo da circulação do dinheiro enquanto tal.

Desta forma, Marx salienta que o conexão verdadeiramente produtor de valor, no modo de realização do capital, se delimita ao capital industrial enquanto tal. A mercadoria se define tecnicamente como entidade multivalente, apenas produto por parte física, o outro componente sendo o valor, eventualmente cristalizado em dinheiro, cuja valoração a transforma em capital. A esse capital, Marx identifica como, em um sistema capitalista, existem também duas demais formas de capital. Por um lado, existe o capital monetário, a fonte de investimento para impulsionar os meios de produção a avançar capital pela compra da força de trabalho. Por outro lado, opera o capital comercial, cuja função é a de encaminhar a mercadoria produzida no departamento 2 para os meios de produção no departamento 1, sendo que a diferença entre os departamentos significa também a setores diferentes, podendo ser duas empresas distintas. Importante é de não confundir o circuito do valor com o de mercadorias trocadas no varejo, pois o efeito-mercado do segundo se explicita apenas pela crítica dialética aplicada ao primeiro. Visto a partir desta metodologia, o mercado nunca sai da fábrica, ao contrário do que sonham os libertários neoclássicos. No caso de Meta-Foucault S.A., o departamento 1 representa a comunidade institucional de pesquisadores e escritores, enquanto o departamento 2 representa a malha centrada na casa de Gallimard em Paris, cujas ramificações alcançam as agências de fomento pública e privada.

Decerto, a Meta-Foucault S.A. representa uma comunidade incorporada produtora de valor, possivelmente a nossa comunidade. Almeja-se aqui entender a forma de organização que nos faz compartilhar uma vocação, cujo tamanho e intensidade não

param de crescer. Se for um país, já que se trata de uma organização internacional, seu PIB médio por paridade de poder de compra seria verificado em alta contínua ao longo de várias décadas, possuindo inclusive algo próximo a patentes, na legislação acerca dos direitos autorais. Seu ciclo de reprodução demonstra tendências acumulativas pela publicação dos manuscritos inéditos oriundos do Fonds Michel Foucault da Bibliothèque Nationale de France, a atividade voltada ao departamento 2 em que se garante a realização de teses e a abertura de vagas de professoras e pesquisadoras, quando não de bolsas Capes-Print, Capes Programas de Excelência e Capes-Cofecub. Queria ter acrescentado também contratos de tradução, embora o futuro se torne sombrio para tradutores depois da chegada da penúltima versão da interface chat GPT de Open-AI.

Sem ironia, considero estrategicamente eficaz celebrar o modo pelo qual esta empresa filosófica tem alcançado o mercado e por vezes os debates corporativos, inclusive em comissões parlamentares. Acho saudável, para não dizer importante, tornar transparente as receitas e tornar pública a fantasmática Meta-Foucault S.A., exaltando como esta empresa transversal protege e fomenta o trabalho acadêmico. Confirma, apesar das dúvidas subsistentes e de alegações defendendo o contrário, o primeiro princípio da lei do capital: que empresas pertencem ao patrimônio coletivo. *Empresas surgem formalmente antes do Estado do direito. Estruturalmente, antecedem aquela lei com teor sagrado que divide a propriedade entre pública e privada, coletiva ou individual.* A criação de empresas cabe a qualquer um que possua capital mínimo, mesmo se este valor não se compara por princípio ao necessário por startups, já vítimas da apropriação pelo *venture capital*. Das inovações, hoje os atos de sua apropriação se estendem às corporações que compram as fontes da dissidência, transformando a censura em neutralização da concorrência. Ao contrário do que se grita na ideologia liberta, a efetividade material de uma empresa depende de equipes, a qual qualquer funcionário já entende. Empresas são do alcance de todos, pertencem ao domínio comum, sobretudo quando protegem seus trabalhadores e parceiros -- como a Meta-Foucault S.A. A luta de classes na contemporaneidade ocorre no campo empresarial também, as micro e pequenas empresas das comunidades e das vilas numa luta de sobrevivência contra os oligarcas das orlas.

Devemos expressar a fortuna, então, de que se criou uma comunidade para quem lucrar financeiramente não significa se vender às piores formas de degradação midiática, militar e jurídica. No entanto, a prudência deve se redobrar perante os *think tanks* do Open Society Foundations, ou do National Endowment for Democracy (NDE),

organização cultural e política faixada da CIA. Indiscernível dos urubus cariocas, eles rodam, encantando por discursos repletos de promessas privatizadas, quando não de ameaças securitárias. De toda maneira, entende-se a fonte da hostilidade, pois as condições de trabalho em Meta-Foucault S.A. superam a alienação subjetiva. Seu mais-valor reinveste-se no capital fixo e circulante, sem despesas excessivas em fontes energéticas além do necessário para assegurar o transporte de pesquisadores por via aérea, faltando de demais opções na infraestrutura privatizada da União. Em Meta-Foucault S.A., o ciclo reprodutivo do mais-valor chega até contemplar nossas colegas de outras escolas -- pois, vamos o lembrar, Foucault era filósofo -- para manterem ativos seus próprios projetos de pesquisa, pela qual, a princípio, se reproduz por acumulação (embora sem concentração nem centralização) a própria empresa filosófica, Meta-Foucault S.A.

### **3. Uma organização filosófica**

De fato, bem além de Meta-Foucault, a filosofia francesa contemporânea, ou seja, a filosofia, não parou de se reiterar, por reposicionamentos inusitados e por retomadas inovadoras. Visto por um olhar próximo, admito, no entanto, ainda me surpreender como a apreciação deste fato parece fugir, senão faltar. Constatata-se que um processo de sucessão existe na filosofia, a despeito da falta a assinalá-lo. Percebe-se esta sucessão na ampliação dos nomes próprios no campo. Alguns reconhecem-se mais do que outros, porém bem poucos se alinham por meio dos recursos da epistemologia histórica, aquela metodologia pela qual se dinamiza a filosofia francesa contemporânea.

Diz respeito à relação material entre produtores, o que percebo desta sucessão é como seu modo de acumulação prossegue concretamente por meio de problemas, de conceitos, de problematizações, recorte, delimitações e de definições, e também por superações. Sendo assim, a verdadeira dinâmica reprodutora passa *menos por nomes próprios* que por *metodologias variadas*, por exemplo, pela renovação do estruturalismo, da fenomenologia objetiva, da biolinguística gerativa ou pela ampliação da epistemologia histórica estrutural, tal como aplicada em *Reflexões sobre a questão gay* por Didier Eribon. Sem dúvida alguma, aquele livro se instancia como sucessor *pela problematização tanto a Meta-Foucault quanto à filosofia*. Apontar-se-ia igualmente a resiliência do sistema Φ-Ε, de autoria inicial de Alain Badiou e associados.

No caso, o conceito de acontecimento (*événement*) existe na linha de sucessão entre Foucault e Badiou. Sem o mapeamento do conceito de acontecimento, acredito não

haver justificação filosófica para se perpetuar hoje uma teoria apenas ontológica, sequer formal, de “subjetivação”. Tampouco seja possível retomar a problematização historiográfica. O acontecimento determina o coeficiente de historicidade inscrito em todo conceito.

O detalhamento do seu conteúdo permite inclusive salientar que, ao analisar a *sucessão em relação à Meta-Foucault*, não se trata apenas de uma questão de gostar de um filósofo mais do que outro. O sistema Φ-Ε apresenta um conjunto sistematicamente distribuído das metodologias criadas pela filosofia francesa contemporânea, algumas delas com a assinatura do próprio Foucault. Seu diferencial passa por meio de uma ruptura metodológica com a densidade teórica acumulada no conjunto denominado "passado". Tal ruptura foi inaugurada pela aplicação meta-ontológica por Badiou no seu sistema. Destacarei aqui apenas o despertar desta questão comum. Para os detalhes, permito-me a remeter a (---- 2022 e 2023).

Nestes termos, a sucessão remete a formas de análise de agregados de dados que se movem estatisticamente, típica de fenômenos socioafetivos. Podem ser medidos a partir de uma postulada camada de não aparência. Trata-se de processos independentes da consciência humana (que estes sejam o valor, em Marx; ou o nó borromeano, em Lacan; ou ainda o discurso com seus limiares, no próprio Foucault). Nada de causalidade, influência, linearidade em tais modelos. Ainda menos de continuidade histórica da forma-sujeito, seja essa desde Platão ou Augustino. Foucault marca bem a ruptura representada pelo conceito de sujeito em Descartes na sua arqueologia. Na genealogia da ética, ele continua reforçando esta ruptura, apesar de interpretá-la pelos cortes acerca de sistemas de espiritualidade, em vez dos de ciência. Portanto, a sucessão prossegue pela dispersão dos contextos analíticos prevalentes. Vista por um quinto limiar latente, a marca que comprova seu estruturalismo *sui generis* é o de ruptura epistêmica em prol a uma *sistematização acontecimental*, a qual confere a coerência de futuros modelos visando a mapear processos de subjetivação.

Para dar mais clareza ainda a esta afirmação (não obstante o que Foucault andou improvisando em contextos públicos e midiáticos), reforço novamente a lembrança da operação de metodologia geral na filosofia das ciências praticada pela tradição francesa, denominada epistemologia histórica. Suas problematizações permitiram tanto a Foucault quanto a Badiou de justapor o irredutível com o radicalmente novo pela forma do sujeito-acontecimental. Vale-se recordar também que, frente à ruptura epistêmica entre sedimentações científicas, Georges Canguilhem salientava que não se encontra liberdade

ou emancipação, mas obstáculos epistemológicos (CANGUILHEM, 1984, p. 16-17). Estes travam o desejo, por serem vinculados à circulação da negação delimitativa da finitude e da resistência psíquica determinantes da forma-sujeito na filosofia moderna que se naturalizou em seguida. Sendo assim, o obstáculo epistemológico funciona para assegurar que o futuro no pensamento teórico seja aniquilado, invés de se manifestar na modalidade de um deslocamento a ser retomado pelo trabalho científico, artístico, político e erótico. E a Canguilhem de acrescentar que o obstáculo trava o desejo de se transcender, para forçar o pensamento a olhar metodicamente no nexo infernal do real. Às avessas, obstáculos codificam o valor da impotência na existência. Segundo essa lógica, “obstacles to progress are seen to be independent of human desires, and this leads to a search for true knowledge” (CANGUILHEM, 1994, p. 225). É verdade que tal aniquilamento do pensamento teórico hoje se espalhou até na França e no seu Império neocolonial com o roubo de estado orquestrado por Macron no início de setembro de 2024, em uma aliança entre o cinismo dos rentistas com a apropriação das terras férteis pela extrema-direita, a forma Europeia de capitania e de latifundiários. Aquele Macron que nunca era de esquerda, sequer de centro, enganava-se terrivelmente quem o dizia. O setor financeiro não segue ideologias, mas cria-as. Por isso, uma ciência que desconhece seus obstáculos dá vazão à ilusão da sua exterioridade em relação à política revolucionária.

Voltaremos por hora ao acontecimento na filosofia. Antes de defender que existe uma clara progressão entre a teoria de subjetivação em Foucault até a teoria do sujeito em Badiou, quero ainda falar de uma comunidade compartilhada. Pois Badiou era parceiro de Foucault. Com exceção de um ataque bem colocado na época do maoísmo francês duradouro, Badiou nunca deixou de expressar respeito perante as pesquisas de Foucault. Neste caso, não faltava reciprocidade. De fato, se Foucault nunca era comunista, pelo respeito dado ao trabalho do *groupuscule* de Badiou na faculdade de Vincennes, Foucault se vinculara ao maoísmo.

Decerto, ele não viverá para testemunhar a refutação da crença muitas vezes repetida de que a filosofia contemporânea teria deixado por trás a vocação de criar sistemas. Após sua morte, Badiou não apenas refutara tal convicção, mas deu o contraexemplo ao construir um sistema a partir de diversos pilares. Isto não muda nada do fato de que, na época do estruturalismo, a relação entre esses pensadores se entrelaçava acerca do desafio a pensar o sujeito desdobrado, ramificado e compossível, enfim da forma-sujeito que terá surgido após o *fim do humanismo*. Tal recorte, tanto para Foucault

quanto para Badiou, *não é negociável*. Por vezes, parece que nos rumos da Meta-Foucault S.A. prefere-se negá-la.

De fato, ao longo dos anos 1960, Badiou foi, em relação a Foucault, um parceiro filosófico de primeira importância. Encarregado por Dina Dreyfus a conduzir uma série de entrevistas destinadas para a televisão, Badiou nos legou um precioso documento filmado em 1965 onde Foucault reivindica uma “história acontecimental da filosofia”, uma resposta que curiosamente não será retomada na transcrição da discussão publicada nos *Dits et écrits*. Cito Foucault, «Veja, eu sempre falo de acontecimentos e sou fervorosamente a favor da história dos acontecimentos, pelo menos em filosofia. [...] Talvez fosse preciso arriscar uma história puramente acontecimental da filosofia, e *não dos filósofos*. » (FOUCAULT, 2001a, p. 466-476).

No plano prático, alguns anos depois, Foucault solicitara a Badiou sua assistência na seleção dos professores para integrar o novo departamento de filosofia da faculdade de Vincennes, onde ambos lecionarão em 1969-70. É por causa dessa proximidade que começaram a circular rumores fazendo de Badiou o autor de certas passagens da *Arqueologia do Saber*, este livro formalista, o verdadeiro, talvez único, livro filosófico escrito por Foucault.

Décadas depois, no seu livro, *Le Siècle*, de 2005, Badiou reconhecerá o anti-humanismo de Foucault como constitutivo, paralelamente ao humanismo radical de Jean-Paul Sartre, da sua própria orientação filosófica. Um paralelismo, no entanto, do qual o anti-humanismo se faz o passo necessário para evitar o retorno aos modos anteriores da filosofia contemporânea. O anti-humanismo é necessário para evitar o uso do termo “homem” “aquele ser que prefere se representar na finitude, cujo sinal é a morte, em vez de se saber completamente atravessado e cercado pela onipresença dos infinitos”. (BADIOU, 2005, p. 246-247, correção minha). Trata-se, portanto, de render o homem com suas verdades às verdades inumanas, por uma prática que busca *formalizar o inhumanismo*. Por este meio, a *espécie* se torna *filosoficamente* ativa a pensar e relevante a praticar se e somente se volta o olhar teórico ativo nas leituras da subjetivação para as camadas racionalmente acumuladas da fisicalidade e da sexuação humana-zoológica. Por este meio, torna-se abordável, por exemplo, aplicar uma inversão crítica aos modelos humanistas que ainda persistem -- tal como um complexo de édipo que tenta se justificar normativamente, ou uma teoria econômica que visa a se afastar do valor-trabalho como produtor de mais-valor, ou uma versão histórica que busca perpetuar em filigrana a

narrativa da supremacia europeia -- para então apreciar a qualidade descritiva e objetiva na qual a verdade se expressa.

Pelo conceito de *subjetivação*, então, retomado no cerne desta análise por justaposição em um novo ciclo produtivo proposto pela empresa Meta-Foucault S.A, devemos entender um programa de pesquisa acabado. Mais ainda, trata-se de um programa de pesquisa que se articula para iluminar a escuridão na qual foi deixado outro campo, se quiser o pós-humanista mesmo, pois deixado em estado de esboço dispersado e dado por impossível. No *Quinto Limiar*, eu argumentei que, ao mesmo tempo que Foucault dava na clareza dos anfiteatros os resultados da sua pesquisa maior, ele se jogava por inteiro no espaço indiscernível não mais da subjetivação, mas de uma *teoria do sujeito* que na época denominava provisoriamente um “saber gay”, o que se tornará com o tempo *queer*. Na esteira da morte do homem, viria então o sujeito gay.

O resultado surge daquela operação denotada acima e própria à filosofia francesa contemporânea, a saber, o recuso de separar conceito e experiência. A teoria da subjetivação de Foucault nunca teve, na sua vida, as condições para alcançar uma radical ontologia gay. Quem o fez, entre outros, é Didier Eribon por meio de uma síntese que se fez necessária com o livro de Pierre Bourdieu, *A Dominação Masculina*, a obra teórica de James Baldwin e o aprofundamento do pensamento marxiano, cuja dimensão atual abarca a necessidade de reconsiderar o narrativo oficial da guerra fria por ser um sintoma de russofobia mais premente do que nunca na cultura norte-atlântica e nos seus vassalos.

Cabe então salientarmos a questão do acontecimento e lembrar a afirmação, proferida em sua aula inaugural no Collège de France em 1970. Foucault admite ter reconhecido o acontecimento entre “as noções que se impõem agora” ao lado de aquelas de aleatoriedade, série, jogo e descontinuidade. O topo do agora se abre para a “filosofia do acontecimento [que, ela] deve avançar na direção paradoxal à primeira vista de um materialismo do incorpóreo” (FOUCAULT, 1971, p. 60). A confrontação em torno desse conceito de incorpóreo para a leitura filosófica dos estruturalismos é incontornável.

Entretanto, o acontecimento assumira uma importância crescente na pesquisa de Foucault ao longo dos anos setenta, levando a descobrimentos conceituais como o “atleta do acontecimento”, antes de florescer na nova ontologia proposta por Badiou no final dos anos de oitenta. O acontecimento em sua materialização incorpórea contará cada vez menos. Em seu lugar, buscar-se-á um *verdadeiro materialismo histórico do acontecimento*. Em Badiou, o acontecimento será definido como aquilo que faz ruptura no equilíbrio monetarista da economia neoclássica, à qual não hesitaremos em acrescentar

a identidade heteronormativa cis, a língua e a representação imagística e imaginária, assim como na educação, na contabilidade e no marketing.

São nestes termos convergentes que o conceito de acontecimento marca o passo a partir do qual faz sentido ainda mapear uma nova teoria do sujeito. De um sujeito que não apenas não se reduz a uma singularidade pré-individual, ainda que esta teoria derrube as tentativas para cercá-lo pelo discurso jurídico. Na sistematização da base histórica e empírica, a teoria do sujeito se renova por definições explicitamente técnicas, pela organização imanente do múltiplo, por descontinuidades com o passado imaginado, como entre campos supostamente contemporâneos. Sua prescrição material, seja pelo êxtase do desejo consciente, vale pouco ou nada, pois não depende de ninguém individualmente posto. Trata-se da produção mesma do contrassenso, senão da contradição quanto tal. Este sujeito tecnicamente definido na teoria nunca é único ou específico a um campo, tampouco discernível em seu processo material total. Afastado de propriedades, a teoria do sujeito assegura sua coerência lógica a ser indexada ao acontecimento pela produção de enunciados referentes à multiplicidade, a que se materializa em seu lugar oscilante. Evoca-se, por óbvio, o processo que Foucault denominava discurso.

Em seu obituário em honra a Foucault, Badiou menciona que aquilo que os unia filosoficamente no final dos anos setenta era uma compreensão respectiva acerca da reinvenção da construção subjetiva. Nas suas próprias palavras: "Eu já estou pessoalmente afetado, tocado, pelo fato de que, em relação a esse trabalho sobre a genealogia greco-romana do domínio sexual, Foucault reintroduza a categoria de Sujeito, e mais especificamente pelo fato de ele ter declarado [...]: “Chamarei subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição *de um sujeito*”" (BADIOU, 1984, p. 116).

## Conclusão

Para terminar, cabem três considerações:

- (i) Neste momento evocador do desaparecimento do sujeito-pessoa-autor, lembramos que Foucault parece ter percebido já o surgimento da ruptura em curso. *O namoro filosófico com a teoria da história precisava acabar*. Faz-se necessário se concentrar sobre OSINT e estudar as novas topologias ramificadas construídas por Palantir, aparelho que mescla genocídio com redes sociais. O futuro soberano de Meta-Foucault S.A. depende da formação de paredes de fogo, na profundidade de problematizações escritas, perante o "*platform power*" (por exemplo, Bonini e Treré, 2024);

- (ii) A visão da micro-história, a história acontecimental, *já se esgotou*. O que é preciso é menos a luta contra as falsas notícias que *uma vistoria da história geopolítica oficial da Euro-civilização norte-atlantista*. Aquele macarthismo estilizado e cool veicula novamente uma narrativa da superioridade civilizatória euroamericana, enquanto crescem as injustiças tributárias de várias ordens. Tal vistoria deve apoiar ao contrário uma política de compressão da renda. O nome do contínuo dispositivo de poder constitutivo de sujeitos livres é o colonialismo branco de povoamento, crumente exposto hoje no oeste asiático, embora propiciado por uma colaboração entre classe em rejeição do proletariado global;
- (iii) Por fim, é importante reafirmar que se Foucault rejeitou o marxismo-leninismo, ele nunca superara Marx, como o sonhava e o desejava. Constatata-se que este feito fez lucrar Meta-Foucault S.A., enquanto comprometia seu autor com o conservadorismo liberal. Uma ética que se limite ao cuidado de si conduz apenas a uma redução filosófica, produzindo pelo discurso jurídico e o autoengano hermenêutico a ideologia “re-colonial” e escravista da oligarquia atlantista.

## REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. *L'Aventure de la philosophie française*. Paris: La Fabrique, 2012.
- BADIOU, Alain. The adventure of French philosophy. September 2005; *New Left review* 35(35):67-77.
- BADIOU, Alain. *Petit panthéon portatif*. Paris : La Fabrique, 2008.
- BADIOU, Alain. *Le Siècle*. Paris : Éditions du Seuil, 2005.
- BONINI, Tiziano and Emiliano Treré. *Algorithms of Resistance. The Everyday Fight against Platform Power*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2024.
- CANGUILHEM, Georges, "Descartes," *Travaux*, pp. 79-85] In: Canguilhem, Georges, 1904- A vital rationalist : selected writings from Georges Canguilhem. Edited by Francois Delaporte; translated by Arthur Goldhammer with an introduction by Paul Rabinow and a critical bibliography by Camille Limoges. New York: Zone books, 1994.

CANGUILHEM, G., & JAQUET, T. G. M. (2015). Vida. *Veritas (Porto Alegre)*, 60(2), 264–286. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2015.2.22005>. (Acesso em 5 de dezembro de 2024).

CANGUILHEM, *Etudes d'histoirc et de philosophic des sciences* (5e éd.). Paris: Vrin, 1989).

ERIBON, Didier. **Reflexões** sobre a questão gay. Tradução de Nazar, José. Lisboa: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel, “Philosophie et psychologie » (entretien avec Alain Badiou) (30 : 1965), In : *Dits et écrits*, volume 1. Paris : Quarto/Gallimard, 2001a, p. 466-476.

FOUCAULT, Michel. « À propos de la généalogie de l'éthique : un aperçu du travail en cours » (344 : 1984), In : *Dits et écrits*, volume 2. Paris : Quarto/Gallimard, 2001b, pp. 1428-1450.

FOUCAULT, Michel. “La Vie: l'expérience et la Science” (361 : 1985), In: *Dits et écrits*, volume 2. Paris: Quarto Gallimard, 2001c, pp. 1582-1596.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

HARRIS Donald J. On Marx's scheme of reproduction and Accumulation. *Journal of political economy*, vol. 80, no. 3, part 1 (may - jun., 1972), pp. 505-522.

MADARASZ, Norman R. *Foucault, o Quinto Limiar: Estruturalismo e Ontologia Queer*. 1. ed. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022.

MADARASZ, Norman R. « Foucault/Badiou : d'un événement à l'autre ». *Materiali Foucaultiani*, v. IX, p. 157-185, 2023.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital (4ª edição). Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha* Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 2: o modo de circulação do capital. Edição: Friedrich Engels. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017 [1885].

MOSELLEY, Fred. “Marx’s Reproduction Scheme and Smith’s Dogma”, In: *The Circulation of Capital. Essays on Volume Two of Marx’s Capital*. Edited by Christopher J. Arthur and Geert Reuten. New York City: St. Martin’s Press, 1998, pp. 159-188.

WOLFF, Richard D. and Stephen RESNICK, *Contending Economic Theories: Neoclassical, Keynesian, and Marxian*. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.